



CADERNO DE SUGESTÕES

Livro **A pororoca**

Autoria

Fátima Fonseca

Especialista do Instituto Avisa Lá

Coordenação

Ana Carolina Carvalho

Érica de Faria Dutra

Coordenadoras do Instituto Avisa Lá

BRINQUE-BOOK



CADERNO DE SUGESTÕES DO(A) EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)

Livro

A pororoca

Autora

Cláudia A. Flor D'Maria

Ilustradora

Liu Olivina

Indicação

1º e 2º anos — crianças em processo de alfabetização (a partir dos 6 anos de idade)

Gênero literário

Livro ilustrado

Conteúdo

Instituto Avisa Lá

Revisão

Adriana Moreira Pedro



SUMÁRIO

Carta de apresentação	IV
Por que ler <i>A pororoca</i>?	V
Quem escreveu e ilustrou este livro	V
Relevância da obra	VI
Contribuição deste livro para a formação leitora	IX
Propostas de mediação	X
Textos e imagens: como contam sobre a pororoca	XI
A linguagem poética	XIII
A pororoca e a vida	XIII
Atividades e Projetos literários	XV
Atividades	
Leitura compartilhada	XV
Explorando as ilustrações	XVI
Glossário: explorando as palavras desconhecidas	XVII
Projetos	
Você sabia? Aprendendo mais sobre a pororoca	XVII
Jogo da memória: plantas e animais da Amazônia	XVIII
Recursos complementares	XIX
Referências bibliográficas	XX



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Caro(a) educador(a) mediador(a),

Este *Caderno de sugestões do(a) educador(a) mediador(a)* é um material que contribui para sua mediação de leitura. Traz propostas e informações sobre o livro *A pororoca* para os leitores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, 1º e 2º anos, a partir de 6 anos de idade e em processo de alfabetização. Começa com uma apresentação do livro, da autora e da ilustradora, expondo a relevância da obra no desenvolvimento de práticas leitoras e letramentos nas escolas e bibliotecas. Depois, há propostas para apoiar a mediação de leitura, por meio de caminhos para mergulhar neste livro, além de atividades práticas e projetos literários — sempre valorizando aspectos da literatura que dialogam com as experiências de vida dos leitores. Por fim, há recursos complementares a serem explorados na mediação e as referências bibliográficas que fundamentaram a elaboração deste material.

A pororoca é um livro ilustrado que conta de maneira delicada esse fenômeno natural que acontece no encontro das águas do rio com as águas do mar. A obra utiliza poeticamente linguagem textual e imagética, contribuindo para que as crianças possam conhecer não apenas o fenômeno da pororoca, mas também a fauna e a flora de uma parte da Amazônia. A narrativa é capaz de encantar os leitores nas escolas e nas bibliotecas públicas e comunitárias, tanto pela forma linguística de apresentar as belezas amazônicas como pela riqueza das ilustrações, que ampliam o imaginário.

No âmbito da temática indígena, a obra escrita pela autora do povo Itakuera da Amazônia brasileira, no Pará, impacta esteticamente ao propor os movimentos da natureza como metáforas do fluxo da vida. Nesse sentido, as palavras ajudam a desvelar a alternância entre turbulência e calmaria. Ao utilizar suas próprias referências culturais na construção de seu enquadramento poético da realidade, a autora incorpora à obra o veio singular de originalidade e diversidade.

Este caderno foi produzido com a supervisão do Instituto Avisa Lá — Formação Continuada de Educadores, organização da sociedade civil sem fins lucrativos que vem contribuindo, desde 1986, para qualificar a prática educativa nas escolas públicas e em outros espaços educativos brasileiros.

Bom trabalho!



POR QUE LER A POROROCA?

A *pororoca* permite aos leitores conhecer uma parte da Amazônia pelos olhos de Cláudia A. Flor D'Maria, filha do povo indígena Itakuera. A autora assegura à obra uma perspectiva não estereotipada, de quem escreve com conhecimento sobre a pluralidade existente naquela região e sobre o quanto o rio significa para as comunidades ribeirinhas, além de ser uma obra em consonância com o que prevê a Lei n. 11.645/2008 (Brasil, 2008), que garante a inclusão da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

As ilustrações cuidadosas de Liu Olivina, baseadas em muita pesquisa e em fotografias tiradas pela autora, proporcionam aos leitores uma imersão significativa em um pedaço da Amazônia, revelando a exuberância da fauna e da flora, além de apresentar costumes das comunidades que vivem na região.

É preciso conhecer para reconhecer, valorizar e proteger e, nesse sentido, a leitura da obra *A pororoca* pode assegurar aos leitores uma aproximação da diversidade existente na floresta e nos povos que a habitam e que se relacionam culturalmente com ela. Entender que os povos indígenas não se veem como seres apartados da natureza, mas que compartilham a vida e a coexistência na floresta, contribui para conhecer mais sobre essas comunidades e a importância delas para a preservação da nossa existência e do que é essencial para a vida de todos nós.

Quem escreveu e ilustrou este livro

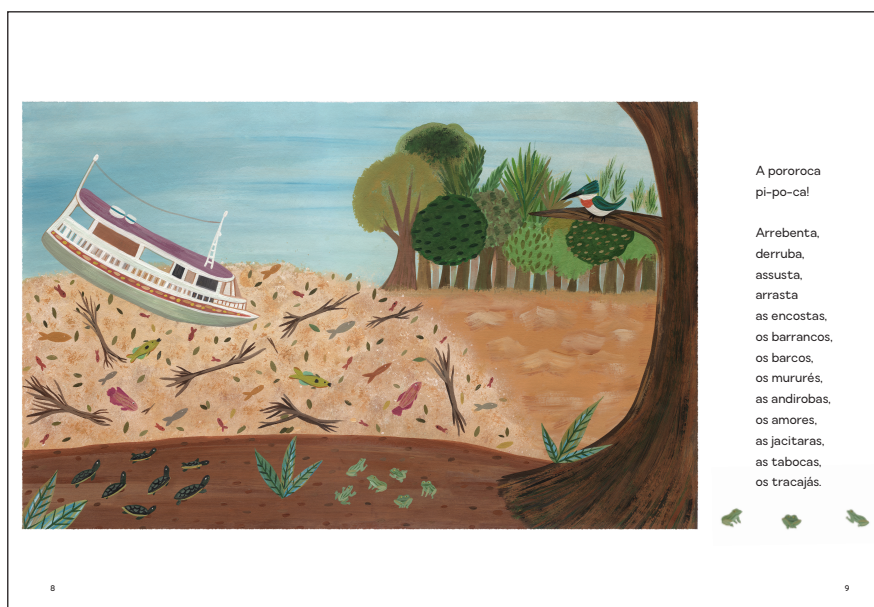
Cláudia A. Flor D'Maria nasceu em 1978, em Macapá (AP). É graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará, mestre e doutora em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari, professora de Literatura e Língua Portuguesa no Instituto Federal do Amapá. Publicou seu primeiro livro em 2013, *Remanso das águas*, que recebeu o prêmio Simãozinho Sonhador. Em 2024, lançou as obras infantis *Sou indígena* e *A pororoca*. Fez parte do livro *Álbum biográfico: guerreiras da ancestralidade*, vencedor do Prêmio Jabuti em 2023 na categoria Fomento à Leitura.

Liu Olivina nasceu em 1992, em São Paulo (SP). É artista visual, ilustradora, autora de livros infantis e muralista. Autodidata apaixonada por pintura e ilustração, com o nascimento do seu filho, em 2014, começou a adentrar o universo das ilustrações de livros infantis, fundindo sua espiritualidade com a expressão artística. É autora do livro *Ciranda em Aruanda* (2021), que recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ e de Acervo Informativo de Qualidade da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio em 2021.



Relevância da obra

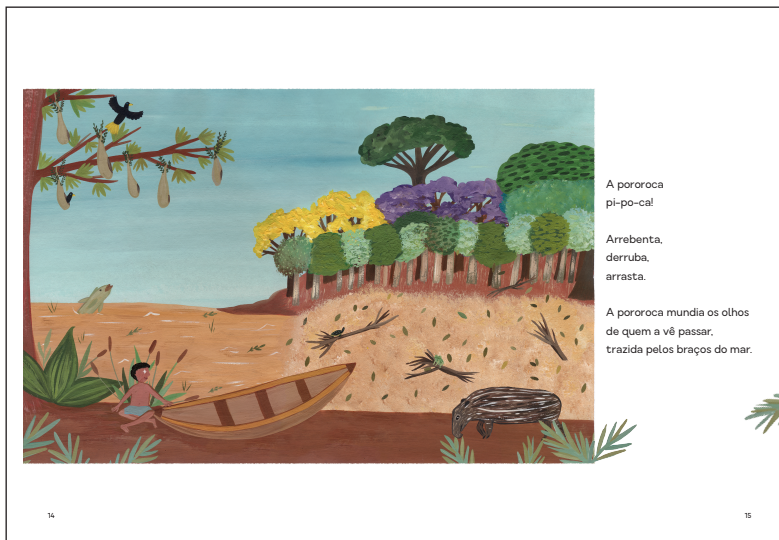
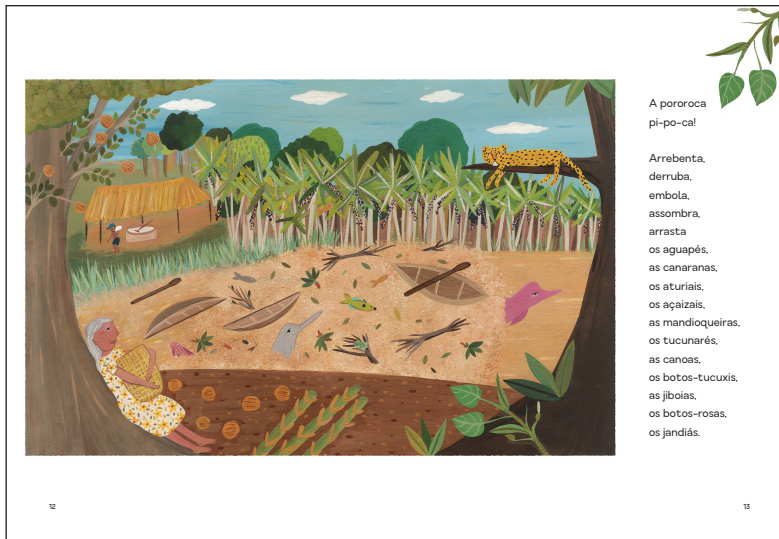
A *pororoca* é uma obra especialmente relevante para ser lida com crianças em processo de alfabetização, pois apresenta a combinação de um texto bastante convidativo pela forma como se organiza para descrever esse fenômeno natural, fazendo com que os leitores se sintam conduzidos pelas ondas provocadas por ele, ao mesmo tempo que essa viagem se complementa por meio das ilustrações que vão compondo as imagens do caminho por onde a pororoca passa *arrebentando, derrubando, assustando, arrastando*, como vemos na dupla de páginas a seguir:



Representação da pororoca arrastando vegetação, animais e uma embarcação.

A autora inicia o texto brincando com a sonoridade das palavras: “A pororoca pi-po-ca” (p. 4). Por meio da assonância — figura de linguagem que consiste na repetição dos sons das vogais —, o texto promove a sensação de estourar na boca dos leitores. Já as aliterações — figura de linguagem que consiste na repetição de sons consonantais — presentes, por exemplo, na repetição do som de “rr” em “arrebenta, derruba, arrasta” e de “ss” em “assusta, assombra”, reforçam a ideia da força e do impacto da onda, ao mesmo tempo que proporcionam ritmo e musicalidade ao texto, convidando à leitura em voz alta.

Assim, os leitores podem conhecer, ao longo desse trajeto, os mururés, as jacitaras, os tracajás, entre outras espécies de plantas e de animais da Amazônia, que podem ser desconhecidas por um público que vive em outras regiões do Brasil. Como a oferta de obras literárias disponíveis que contam sobre essas diferentes realidades ainda é pequena, *A pororoca* se torna uma oportunidade para aproximar o leitor dessas vivências.



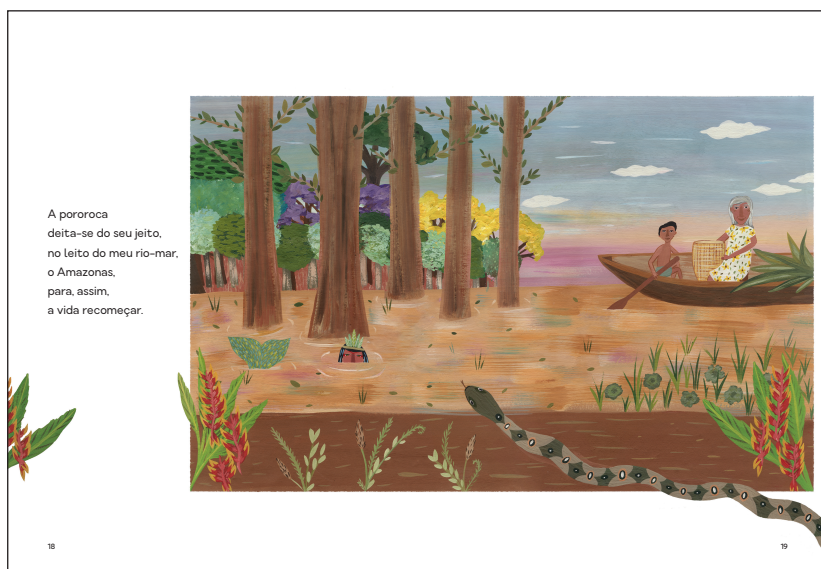
Além disso, por se tratar de um livro em que as ilustrações ocupam um papel de destaque e também compõem a narrativa, agregando, muitas vezes, outros elementos não contemplados no texto, os leitores podem experimentar uma forma de interação que exige um olhar cuidadoso e até investigativo, solicitando deles uma postura ativa, a fim de entrar no jogo estético e literário proposto pelo livro nessa relação entre ilustrações e linguagem escrita.

Um dos aspectos que podemos notar é o que acontece às margens do rio por onde passa a pororoca, ou seja, o povo ribeirinho a observando: “A pororoca mundia os olhos/ de quem a vê passar,/ trazida pelos braços do mar” (p. 15). Vemos a vida acontecendo, esperando, aguardando e também se encantando com a sua passagem. Ao fundo da primeira cena, vemos

Perguntas como “O que vemos nestas imagens para além da pororoca?” e “O que chama sua atenção?” são importantes para a mediação

uma pessoa trabalhando enquanto uma mulher idosa está em atitude de espera, com um cesto nas mãos, transmitindo tranquilidade. As imagens reforçam a pororoca como algo que faz parte da realidade da comunidade, algo que impõe respeito e “mundia”, encanta, arrebatada, ao mesmo tempo que é conhecido, que se espera chegar “pelos braços do mar” (p. 15).

Na imagem a seguir, vemos os mesmos personagens já na canoa, no rio, como se tivessem aguardado realmente que a pororoca passasse para que pudessem seguir seu caminho: “A pororoca/ deita-se do seu jeito,/ no leito do meu rio-mar,/ o Amazonas,/ para, assim,/ a vida recomeçar” (p. 18).



A pororoca
deita-se do seu jeito,
no leito do meu rio-mar,
o Amazonas.
para, assim,
a vida recomençar.

Os personagens que esperavam a pororoca passar agora seguem seu caminho.

Pode ser difícil para uma criança que vive em outras regiões do país, especialmente nos grandes centros urbanos, compreender as particularidades da vida na floresta, e a literatura pode ser uma forma de aproximação dessas realidades. Assim, com *A pororoca*, o(a) educador(a) mediador(a) tem em mãos uma obra cuja experiência de leitura é intensa, pois demanda que o leitor preencha os espaços deixados pela autora para abranger os sentidos que se pode construir na relação entre as imagens e o texto, a partir de um trabalho cuidadoso de mediação. De acordo com a crítica literária argentina Cecilia Bajour, “a busca do que não está, mas é suscitado e sugerido pelo que está, é uma premissa da arte. Na literatura, o caráter estético ocorre quando o silêncio é convocado a partir da palavra” (2023, p. 110).

No caso do público infantil, é importante salientar a importância de obras de autoria e temática indígena, como nos lembra a pedagoga, doutoranda e pesquisadora de literatura indígena Carina Oliveira Pataxó:

Na escola, embora vagas lembranças, pedia à professora que contasse histórias sobre os índios, porém, ela afirmava que esses livros não faziam parte do acervo da escola. Acreditei, num determinado momento, que a história de parte da minha família não fosse tão importante, pois na escola havia diversos livros, mas nenhum sobre as temáticas indígenas, que são de extrema importância no que diz respeito à história, formação e cultura brasileiras (2024, p. 88).

Neste sentido, *A pororoca* é uma obra imprescindível para a ampliação não apenas do repertório dos leitores em relação ao gênero e à temática, mas também em relação às experiências literárias e estéticas que ela proporciona.



Contribuição deste livro para a formação leitora

Ao permitir aos leitores a partir de 6 anos de idade e em processo de alfabetização uma certa autonomia, a obra pode ser uma ótima escolha para a formação leitora nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A organização do texto, com trechos que se repetem, estruturação em versos e a presença das ilustrações que podem se configurar como apoio para antecipar o que está escrito, torna possível que esses leitores se arrisquem em uma leitura mais autônoma, colocando em jogo seus conhecimentos sobre o sistema de escrita alfabética, utilizando estratégias de antecipação e verificação do que está escrito e se apoiando no contexto material, assegurado pelas imagens. A leitura compartilhada realizada previamente também pode contribuir para que a leitura autônoma ocorra.

Além disso, a obra é um convite a outras leituras, pois pode despertar a curiosidade e o desejo de saber mais sobre a Amazônia e a vida de alguns povos indígenas, sobretudo o povo Itakuera, as populações ribeirinhas e a diversidade existente na região. É importante suscitar a curiosidade para que os leitores busquem outras leituras, outros portadores de texto na escola, nas bibliotecas, nas livrarias ou mesmo em casa, incentivando-os a seguir explorando o mundo por meio de livros, revistas, sites de pesquisa, entre outros meios. Dessa forma, a literatura indígena promove, como destaca Julie Dorrico, descendente do povo Macuxi e doutoranda em teoria da literatura, uma contribuição para o reconhecimento da diversidade e para a quebra de estereótipos:

[...] os autores perceberam em suas narrativas um potencial para diminuir a distância construída pela história e literatura oficiais em relação aos povos indígenas. Ao desmistificar desde cedo pelo livro indígena as imagens pejorativas cimentadas ao longo dos séculos, as crianças e os educadores não indígenas poderiam (e podem) aprender a respeitar a diversidade pluriétnica (2020).

Vale destacar que a leitura de livros como *A pororoca*, considerando momentos de apreciação e troca entre os leitores, alinha-se a uma das competências gerais da Educação Básica da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), que se refere a promover o respeito aos direitos humanos e à diversidade, reconhecendo e acolhendo diferentes saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem qualquer tipo de preconceito.





PROPOSTAS DE MEDIAÇÃO

Realizar a leitura de um livro ilustrado pressupõe compreender que são obras que indicam caminhos e possibilidades para diferentes olhares e interpretações. Em vez de respostas únicas, muitas vezes a contribuição de um leitor pode ser uma pergunta ou uma inquietação que se coloca a partir da sua experiência com aquela obra. É preciso ouvir o que dizem os leitores e dialogar com eles, afinal, como afirma Cecilia Bajour, “é na relação próxima e cúmplice com as tramas de palavras, imagens e silêncios dos textos que as leitoras e os leitores podem se sentir convocados como protagonistas da construção de sentidos” (2023, p. 27). Esse comportamento de leitor ativo diante do desafio de uma nova obra é algo que se aprende e se constrói no exercício próprio da leitura, quando esse espaço é assegurado e possibilitado a esses sujeitos.

Assim, para a mediação de *A pororoca*, sugere-se de início uma leitura compartilhada, ou seja, aquela em que o(a) educador(a) mediador(a) e as crianças têm o livro em mãos, permitindo uma melhor exploração tanto do texto quanto das ilustrações. Nessa primeira leitura, o(a) educador(a) mediador(a) empresta sua voz para que todos possam ler a obra.

Pode-se ainda fazer algumas pausas sempre que necessário ou quando algum participante comentar ou tiver dúvidas. Entretanto, é importante cuidar para que seja um momento em que possam conhecer o livro na sua inteireza. Como é uma obra que apresenta algumas palavras possivelmente desconhecidas pelas crianças — inclusive há um glossário ao final —, pode ser oportuna, a fim de assegurar uma maior compreensão, uma conversa a respeito das palavras que causem dúvidas durante a leitura. Também é importante apreciar as ilustrações que compõem a narrativa.

Depois da leitura compartilhada, vale assegurar um espaço de intercâmbio entre os leitores para a construção coletiva de sentido, como aponta a especialista espanhola em literatura infantil e juvenil Teresa Colomer: “Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros” (2007, p. 143).





Cecilia Bajour (2012) destaca que não há uma única forma para adentrar um livro. Assim, quando preparamos um encontro de leitura, é fundamental considerar as mais variadas possibilidades de apresentar o livro, os caminhos possíveis de serem explorados — pode ser a temática, a relação entre texto e imagem, uma determinada personagem e o que a constitui, o ambiente em que a história se desenrola etc. Enfim, são muitas as entradas para mediar e dialogar. Bajour denomina essas entradas como chaves de leitura: “Os modos específicos de entrar nos textos podem partir de algumas chaves que cada livro sugira, ou de algum aspecto que se queira destacar ou no qual se queira intervir para construção de saberes literários” (2012, p. 63-64).

Por isso, antes de apresentar o livro para os leitores, seja na escola ou na biblioteca, uma sugestão é que o(a) educador(a) mediador(a) leia e explore a obra para que possa aprofundar a leitura e a proposta de mediação, refletindo sobre o tema e o modo como a obra foi arquitetada, ampliando as possibilidades de fruição do grupo. Como afirma o professor e pesquisador chileno Felipe Munita, se desejamos uma leitura mais participativa e distanciada, é preciso realizar uma imersão nos textos, “com momentos para fazer emergir os mecanismos e procedimentos que os tornam tão atrativos aos olhos dos leitores” (2024, p. 108).

Em uma primeira imersão, o(a) educador(a) mediador(a) pode se colocar no lugar dos leitores e refletir sobre a obra. “O que chamará mais atenção das crianças? Será que se identificarão mais com o texto ou com as imagens? O que sabem sobre a Amazônia? Será que já ouviram falar sobre a pororoca? O que sabem sobre os povos indígenas que habitam a região e sobre as populações ribeirinhas? Será que perceberão o movimento proposto pelo texto e as relações com as imagens?”

Na proposta de mediação para a obra *A pororoca*, há diferentes chaves de leitura possíveis de serem exploradas, como veremos a seguir.

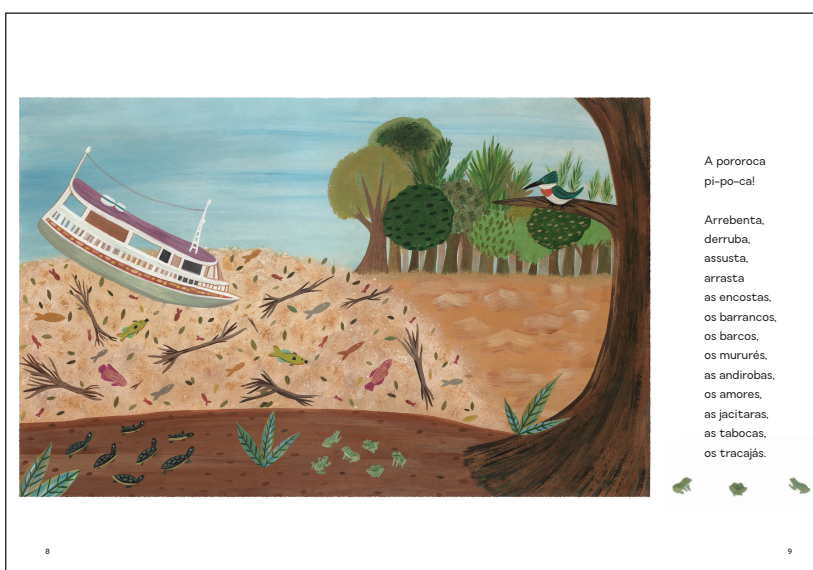
Textos e imagens: como contam sobre a pororoca

Segundo a pesquisadora francesa Sophie Van der Linden, livros ilustrados “são obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto, que aliás pode estar ausente (é então chamado, no Brasil, de livro-imagem). A narrativa se faz de maneira articulada entre texto e imagens” (2018, p. 24).

Em *A pororoca*, pode-se dizer que textos e ilustrações se complementam. “O que o texto conta? O que as ilustrações contam? Qual é a relação entre texto e imagem? Como se complementam?” Vale observar a forma como a autora expressa a força da pororoca por meio de verbos que indicam sua ação pelo caminho: “estronda, mistura costura, arrebenta, derruba, assusta, arrasta, invade, embola, assombra”.

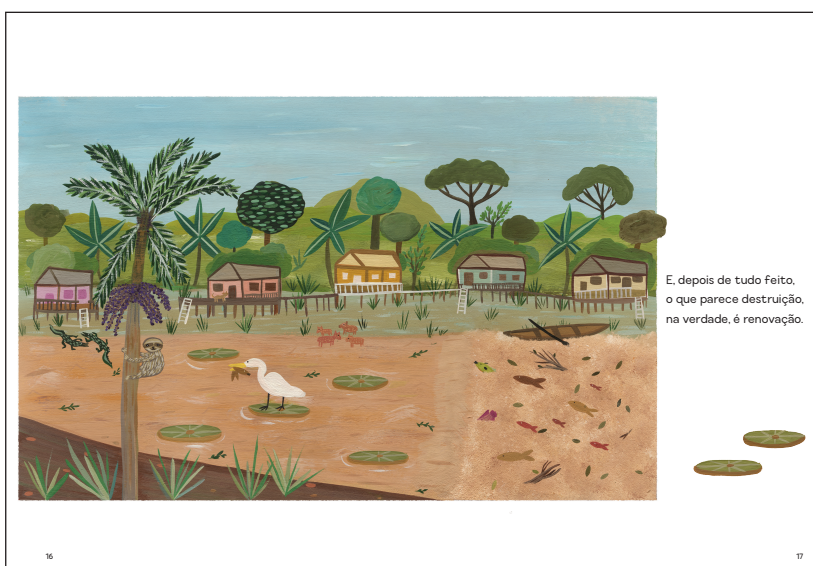


São verbos que indicam a força com a qual a pororoca passa, arrebatando e derrubando o que encontra pela frente: animais e plantas, invade os igapós — áreas da floresta alagadas —, e os igarapés — pequenos cursos de água, rasos e estreitos. Conforme nomeia tudo que é arrastado, a autora nos apresenta uma diversidade de animais e plantas da floresta. As ilustrações mostram a potência da água, como pode ser visto nas páginas 8 e 9:



As imagens evidenciando os elementos levados pela pororoca.

O texto, ao mesmo tempo que mostra a intensidade, também nos traz a tranquilidade, indicando que as transformações são necessárias, mas que, como na vida, tudo passa: “E, depois de tudo feito,/ o que parece destruição,/ na verdade, é renovação” (p. 16-17). E a ilustração na página complementa a ideia de calmaria:





As ilustrações mostram um pouco da vida dos ribeirinhos — populações que vivem às margens dos rios, especialmente na Amazônia, mas também em outras regiões do país —, suas casas, seus trabalhos, suas canoas, ampliando o alcance de sentido a cada página.

A linguagem poética

A autora, por meio da linguagem poética, brinca com as palavras e nos transporta pela pororoca. Nesse espaço da leitura, somos capazes de vivenciá-la, experimentá-la, e essa é a beleza da literatura: ser capaz de nos transportar, não pela magia, mas pela escrita, para outros mundos e, em um instante, estamos conhecendo esse fenômeno natural, lá no rio Amazonas.

Cláudia A. Flor D’Maria, já nos primeiros versos, utiliza a onomatopeia — PI-PO-CA — para imitar o movimento que as ondas da pororoca parecem fazer em alguns momentos quando está passando. Outro recurso utilizado que contribui para dar vida, por meio da escrita, ao fenômeno da pororoca é a *personificação* — figura de linguagem que atribui qualidades, sentimentos ou ações humanas a objetos inanimados, animais ou conceitos abstratos —: “Estronda,/ mistura,/ costura/ o encontro das águas/ do rio com o mar” (p. 7). Nesse trecho, vale ressaltar o uso da linguagem poética para explicar o que é a pororoca: o encontro das águas do rio com o mar, e essa junção faz barulho forte e alto, um estrondo. Pode ser interessante conversar com os leitores sobre como vão percebendo essas ações da pororoca, a força e a intensidade do fenômeno. Será que conseguem sentir, perceber? Ler mais de uma vez alguns trechos para sentir o ritmo colocado pela forma como o texto foi construído pode ser proposta atraente para os pequenos leitores.

Na proposta de leitura anterior, tratamos sobre como a autora nomeia tudo o que é arrastado pela pororoca, possibilitando que se conheça mais a diversidade da Amazônia. Nesse sentido, a brincadeira com as palavras continua. Entre os mururés, as andirobas e as jacitaras... E o que são os igarapés e igapós que a pororoca invade? São muitas as possibilidades de adentrar ainda mais nesses caminhos pelos quais esse fenômeno nos leva.

A pororoca e a vida

A autora transforma o fenômeno da pororoca em poesia do começo ao fim da obra como uma forma de favorecer que seus leitores sintam a potência que há nesse encontro das águas do rio com as águas do mar — fenômeno que fascina, mas que também assusta pela sua força, por arrastar tudo pelo seu caminho de forma estrondosa.

Ao longo da leitura, acompanhamos as ondas da pororoca revirando tudo em seu caminho — árvores, animais, plantas —, e o que parece destruição traz em si também a renovação, porque as transformações são necessárias na vida, e os leitores podem acompanhar esse movimento.



Pode ser interessante conversar sobre essas questões com os leitores, pois talvez eles tenham poucas oportunidades de observar eventos semelhantes e que colocam em foco os processos e os ciclos da vida. “Quantas crianças têm a oportunidade de acompanhar o ciclo de vida de diferentes frutas e plantas? Se pegarmos o açaí como exemplo, que se tornou um alimento bastante popular nos grandes centros, e perguntarmos às crianças de ele onde vem, quais serão as respostas? Quantas crianças já viram um açaizeiro? Quantas conhecem a fruta? Qual a relação das nossas crianças com a terra? Com a água? Como as crianças podem entender a importância da água se a referência que muitas delas têm é a de abrir a torneira e a água estar lá?”

A obra entrelaça o fenômeno e a vida. Assim, ao conhecer mais sobre a pororoca, conhecemos também sobre uma forma de olhar para a natureza, a partir do olhar indígena, que representa em sua literatura uma relação tão intrínseca com a floresta, como coloca a pesquisadora Carina Oliveira Pataxó:

Na articulação entre forma e conteúdo, a literatura indígena carrega marcas da oralidade e formas próprias de dizer, de pensar o mundo, de viver com e como natureza. [...] É também lugar das narrativas que celebram o amor à terra, à pertença étnica, o orgulho indígena, a luta pelo protagonismo, pelo território (2024, p. 94).

Não se trata de usar a literatura para ensinar outras temáticas, mas de possibilitar conversas sobre questões que nos colocamos enquanto leitores, como nos alerta Bajour: “Conhecer mais sobre o funcionamento dos textos e confiar na possibilidade sempre aberta de os leitores interagirem com eles de forma criativa pode ser a chave para colocar a leitura, os textos e os leitores no centro” (2023, p.78). A partir da leitura, pode-se também conhecer mais sobre a vida dessas comunidades ribeirinhas, indígenas e não indígenas, e sua importância para que a floresta continue existindo. Trata-se de entender os desmatamentos, as queimadas e as violências contra os povos indígenas não como processos alheios e distantes. Afinal, será que as crianças relacionam as questões ambientais com as suas vivências?

Vale mencionar que as chaves de leitura nos indicam possibilidades de adentrar o livro, mas não significa que todas precisem ser trabalhadas. O(a) educador(a) mediador(a), conhecendo o grupo de leitores, tem mais condições de definir os melhores caminhos. É importante também considerar que a formação de leitores requer a criação de um ambiente regado a escuta e trocas, sempre considerando o repertório, as trajetórias leitoras, os pensamentos e as sensações, as hipóteses e inferências desses leitores. Pressupõe ainda um espaço aberto para dúvidas, argumentações e contrapontos, para mistérios e desvendamentos, para intertextualidades com outros livros ou linguagens artísticas.



ATIVIDADES E PROJETOS LITERÁRIOS

As propostas de leitura nas escolas e nas bibliotecas públicas ou comunitárias, embora compartilhem o objetivo de formar leitores, apresentam diferenças importantes. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a escola é responsável por garantir o processo de alfabetização e a consolidação da leitura e da escrita. Nesse contexto, as práticas de leitura contam com acompanhamento regular, e envolvem tanto momentos coletivos, por meio da leitura compartilhada e mediada, quanto propostas que favorecem a leitura autônoma. Nas bibliotecas, o acesso aos livros amplia o contato com a literatura e fortalece o vínculo com a leitura, mesmo que o objetivo não seja propriamente a alfabetização das crianças que as frequentam. Vale lembrar também que, nesse contexto, a composição dos grupos é mais variável e flexível. As atividades e projetos sugeridos neste caderno podem ser adaptados a cada situação, respeitando as diferentes circunstâncias, mas sempre reforçando a importância da leitura como prática cultural e social.

Atividade **Leitura compartilhada**

Antes de iniciar a proposta de leitura, pode-se começar pela exploração da capa do livro com algumas indagações. “O que é pororoca? Alguém já ouviu falar nela? O que vemos na capa? Será que ela nos ajuda a pensar no que pode ser a pororoca?” Essa pode ser uma chave de leitura para adentrar o livro e levantar os conhecimentos das crianças sobre o fenômeno. Embora a exploração da capa não precise ser o caminho para iniciar a leitura de um livro, essa conversa inicial pode contribuir para que o grupo faça algumas antecipações e acione conhecimentos que podem contribuir para a construção de sentido na leitura.

Também pode ser interessante apresentar a autora e a ilustradora e conversar um pouco sobre elas. Se for possível, pode-se apresentar fotos da autora (disponíveis na internet), relembrar outros livros que já leram de autoria indígena e quais autores(as) indígenas já conhecem. Essa é uma conversa importante, uma vez que as crianças provavelmente conhecem poucos livros de autoria indígena, considerando a ínfima oferta desses livros nos acervos das escolas e bibliotecas. Também por isso é importante conversar sobre essa autoria para contribuir com a representatividade desses povos e romper com “os estereótipos firmados sobre o indígena, como a falta de humanidade e a ideia do bom selvagem, consolidados via literatura” (Pataxó, 2024, p. 91).

Pode ser um momento interessante para conversar um pouco mais sobre os diferentes povos e línguas indígenas, por exemplo, e entender que a autora pertence a um grupo específico, o povo Itakuera da Amazônia, no Pará. Nesse momento, pode-se voltar à conversa inicial sobre a pororoca e perguntar se sabem a origem da palavra “pororoca”, que vem do tupi e indica o encontro das águas do rio com as águas do mar.



Dessa forma, as crianças que vivem em realidades muito diferentes podem ir se aproximando, conhecendo e agregando novas contribuições. Já aquelas que compartilham da mesma realidade retratada na obra podem conversar sobre essa experiência de se verem ali representadas.

Outro aspecto que pode ser interessante explorar durante a leitura compartilhada é a linguagem utilizada pela autora, que propõe um jogo, uma brincadeira que é possível ser percebida na leitura em voz alta. O(a) educador(a) mediador(a) pode convidar as crianças a repetir trechos como: "A pororoca/ pi-po-ca!" (p. 4). O intuito é enfatizar o ritmo e a intensidade na leitura. Vale convidar os participantes a reler em conjunto para perceber esse movimento, essa força. Até o momento em que há uma quebra nessa intensidade, quando o texto também começa a mudar sua forma, na página 17, e segue como se fosse se tranquilizando: "A pororoca mundia os olhos/ de quem a vê passar" (p. 15).

Depois dessas conversas iniciais, é possível dar sequência à leitura utilizando como apoio as chaves de leitura propostas na seção anterior a fim de oportunizar uma apreciação estética e literária da obra.

Atividade Explorando as ilustrações

Depois de ter realizado a leitura compartilhada e o espaço de intercâmbio sobre a obra, o(a) educador(a) mediador(a) pode propor que os leitores retomem o livro, em duplas, e explorem as ilustrações. "O que elas mostram? O que há nas imagens que não aparece no texto? De qual ilustração gostaram mais? Por quê?"

Em seguida, coletivamente, o grupo pode ir folheando as duplas de páginas para que os participantes possam comentar o que descobriram. Pode-se ajudar para que estabeleçam relações do texto com as imagens, além de chamar a atenção deles para o que se vê nas ilustrações, mas que o texto não apresenta.

Conversar sobre as técnicas utilizadas pela ilustradora também é uma opção. Vale mencionar aspectos como a escolha das cores, a maneira de atribuir movimento à força da água, a cobra que invade a página e direciona o olhar do leitor para o centro do que está acontecendo, a diferença entre as imagens iniciais e as finais etc. Pode ser que as crianças não percebam todas as questões, mas o importante é ajudá-las a ver, incentivando-as para que observem e permitindo que compartilhem suas próprias descobertas. Outra possibilidade que pode contribuir para a exploração das ilustrações é pesquisar vídeos e fotos sobre o efeito da pororoca.



Atividade **Glossário: explorando as palavras desconhecidas**

Depois da leitura compartilhada, o(a) educador(a) mediador(a) pode perguntar aos leitores se há palavras do texto que eles não conhecem. O objetivo é que, ao analisar o contexto e as ilustrações, eles consigam compreender os significados. Esse exercício é importante para que as crianças aprendam que nem sempre é necessário saber exatamente o que significa todas as palavras de um texto. Às vezes, conseguimos inferir o significado pelo contexto e continuar a leitura sem muitas interrupções.

Outra possibilidade dessa atividade é explorar o glossário do livro nas páginas 20 e 21. Pode-se ler o significado de determinada palavra e voltar ao trecho do livro texto em que ela está, relendo-o para que consigam relacionar o significado ao contexto. Pode haver palavras que não estão no glossário e que sejam desconhecidas para o grupo, então, nesse caso, o(a) educador(a) mediador(a) pode propor a pesquisa em dicionários físicos ou virtuais ou em enciclopédias para elaborar um pequeno glossário.

Um desdobramento dessa atividade é pesquisar a origem de algumas palavras que as crianças provavelmente conheçam, mas não saibam que se trata de termos de origem indígena, como "pipoca", "igarapé" e "açai/açaizais". "Pipoca", por exemplo, é de origem tupi e significa "pele que arrebenta", descrevendo o que acontece com o milho quando é aquecido: a pele arrebenta. Essa conversa pode ser bastante interessante para que as crianças possam perceber que nossa língua é composta de várias palavras de origem indígena.

Projeto **Você sabia? Aprendendo mais sobre a pororoca**

É provável que a leitura do livro *A pororoca* desperte o interesse do grupo em saber mais sobre esse fenômeno. O(a) educador(a) mediador(a) pode propor aos leitores a realização de uma pesquisa e a construção de um mural para compartilhar as informações. Esse mural pode ficar exposto em um lugar de fácil acesso para o público.

As pesquisas sobre o fenômeno podem ser realizadas em meios virtuais e físicos, com o auxílio do(a) educador(a) mediador(a), que também pode apresentar vídeos que mostrem a pororoca acontecendo, o que será bem interessante para as crianças. Essa relação entre as informações pesquisadas e a leitura do livro pode ajudar os leitores a perceber a diferença entre os textos literários e os textos que pesquisamos quando queremos saber mais sobre um tema. Uma sugestão é que a pesquisa seja feita de forma coletiva, mas também é possível propor, em alguns momentos, que a pesquisa seja realizada em duplas, sempre sob supervisão.



Para a escrita dos textos para o mural, o(a) educador(a) mediador(a) pode atuar como escriba ou auxiliar os participantes a registrar os próprios textos. O mural, cuja sugestão de título é “Você sabia?”, pode conter informações sobre o livro *A pororoca*. Por exemplo: “Você sabia que o livro *A pororoca* foi escrito pela autora indígena Cláudia A. Flor D’Maria e ilustrado por Liu Olivina? A obra conta o que acontece quando a pororoca passa”. Podem ser inseridas as curiosidades pesquisadas pela turma, que podem incluir desenhos próprios ou fotos e recortes do fenômeno. O mural pode ser fixado em algum lugar de acesso público, para que outros frequentadores e leitores possam conhecer o trabalho.

Projeto **Jogo da memória: plantas e animais da Amazônia**

Nesse projeto, as crianças devem ser convidadas a criar um jogo da memória com os animais e as plantas que conheceram na obra *A pororoca*. O jogo deve passar a integrar o acervo de jogos da escola ou da biblioteca. Cada participante pode criar uma dupla de cartas com a planta ou animal escolhido para compor o jogo.

Inicialmente, o(a) educador(a) mediador(a) deve retomar os animais e as plantas mencionados no livro para que cada leitor escolha sua dupla de cartas. Sugere-se que os nomes sejam listados e os participantes sejam sorteados para que escolham seu elemento.

Em seguida, é interessante que o(a) educador(a) mediador(a) apresente cartas de jogos da memória para servir de modelo. Vale especificar que os participantes devem fazer os desenhos e, sob eles, em local indicado, escrever o nome da planta ou do animal. É importante ressaltar que os desenhos e as escritas precisam ser iguais. Nesse sentido, o glossário pode servir de referência, como nas imagens a seguir:



Açaizais



Tabocas

O(a) educador(a) mediador(a) deve verificar se cada participante conhece o animal ou a planta que vai ilustrar. É importante acompanhar o processo de produção das cartas e orientar no que for necessário. Finalizado o jogo da memória, vale escolher uma data para jogar com o grupo as primeiras partidas e guardar o jogo no acervo para que esteja disponível para outras turmas ou grupos.



RECURSOS COMPLEMENTARES

A mediação para além das primeiras camadas de leitura — artigo

DIAZ, Patrícia. A mediação para além das primeiras camadas da leitura — Parte 1. *Revista Emília*, São Paulo, 16 jul. 2018. Disponível em: <https://emilia.org.br/a-mediacao-para-alem-das-primeiras-camadas-da-leitura/>. Acesso em: 26 maio 2026.

Artigo que analisa as características literárias de diversas obras infantis com objetivo de salientar o que é particular em cada uma. Trata-se de um rico material que pode contribuir para a ampliação dos olhares.

Jogos de mesa — sequência didática

TAVARES, Cristiane; PELISSARI, Cristiane. *Formação na escola: sequência didática: língua portuguesa: 1º ao 3º ano*. São Paulo: Comunidade Educativa CEDAC, 2024. Disponível em: <https://rodaeducativa.org.br/wp-content/uploads/2024/07/Sequencia-Didatica-LP-1o-a-3o-ano.pdf>. Acesso em: 26 maio 2026.

Nessa publicação, há uma sequência didática chamada “Jogos de mesa”, em que o(a) educador(a) mediador(a) encontra mais informações para se aprofundar na sugestão do projeto sobre jogo da memória deste caderno.

Pororoca — exposição

MEIRELES, Cildo. *Pororoca*. *Itaú Cultural*, 2016. Disponível em: ocupacao.icnetworks.org/ocupacao/cildo-meireles/pororoca/. Acesso em: 26 maio 2026.

A exposição desse artista brasileiro multimídia conta com registros fotográficos, cartográficos e sonoros de diversos rios do Brasil. Entre eles, há um espaço dedicado à pororoca e, pelo site, é possível acessá-los, bem como encontrar textos explicativos sobre a ocupação.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BAJOUR, Cecília. *Cartografia dos encontros: literatura, silêncio e mediação*. Tradução: Cícero Oliveira. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2023.

BRASIL. *Lei n. 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: <https://tinyurl.com/lei-afro-indigena>. Acesso em: 10 jun. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/base-mec>. Acesso em: 10 jun. 2026.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

DORRICO, Julie. Ouvir a diferença: obras voltadas para crianças se tornam uma alternativa para autores indígenas ajudarem seus povos em meio à pandemia de Covid-19. *Quatro Cinco Um*, 1º out. 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura/literatura-infantojuvenil/ouvir-a-diferenca/>. Acesso em: 26 maio 2026.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Sesi-SP, 2018.

MUNITA, Felipe. *Eu, mediador(a): mediação e formação de leitores*. Lauro de Freitas: Solisluna; São Paulo: Selo Emília, 2024.

PATAXÓ, Carina Oliveira. Literatura indígena e Educação. In: LICÁ, Márcia (org.). *Infâncias e leituras: presenças negras e indígenas na literatura infantil*. São Paulo: Pulo do Gato, 2024.